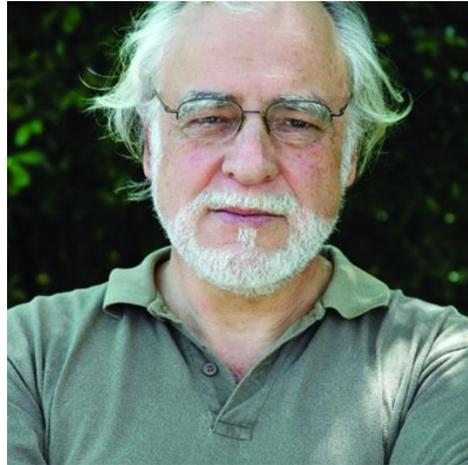


Entrevista com OSVALDO COGGIOLA

Entrevistadores IBEC¹
Apresentação | Ivan Lucon Jacob

271

A **Revista Fim do Mundo** traz, em sua edição *número 6*, uma entrevista com o historiador argentino Osvaldo Coggiola. Formado em História e em Economia pela Universidade de Córdoba (Argentina) em 1976, em pleno golpe militar naquele país, teve de exilar-se na França após constar nas listas de procurados pelo regime. No país europeu concluiu seus estudos de mestrado e doutorado, também em História e Economia, e desde 1984 é professor de História Econômica da Universidade de São Paulo.



Atua principalmente nos seguintes temas: marxismo, América Latina, imperialismo, movimento operário, capitalismo e socialismo. Dentre dezenas de livros publicados, os mais recentes são: "Teoria econômica marxista: uma introdução" (2021); "Do Moderno ao Contemporâneo: uma história do mundo na era do Capital" (2019); "Entre FHC, Lula e Bolsonaro: elementos para uma história econômico-política do Brasil (1979-2019)" (2019); "Breve História dos Países Árabes e Islâmicos" (2018); e, "*Storia del Trotskismo en America Latina*" (2017).

Numa descontraída conversa em uma manhã de sábado, Coggiola nos contou um pouco de sua trajetória e de suas perspectivas teóricas sobre

¹ A entrevista foi conduzida por *videochamada* pelos organizadores da **Revista Fim do Mundo nº 6** Aline Miglioli, Ivan Jacob, Carlos Cordovano e Fábio Campos, e contou com a participação do editor Fabio Castro e do pesquisador do IBEC Adilson Gennari, e foi transcrita por Fabio Castro, Aline Miglioli e Maria Pessoa.



o imperialismo. Sublinhou enfaticamente, de seu ponto de vista, duas urgências atuais: a necessidade de se fazer um balanço sobre o debate original do imperialismo, para a devida compreensão dos problemas práticos e teóricos que o cercam, assim como a necessidade da reposição da teoria como bússola a orientar aqueles que buscam criar alternativas ao capital. Abordou também alguns aspectos da conjuntura atual nas perspectivas da América Latina e do Brasil.

[Fábio Castro] Pensando um pouco de sua trajetória (como foi sua carreira acadêmica, como você reagiu à ditadura na Argentina, seu exílio e a formação no Brasil), o tema do imperialismo cruzou a sua vida como tema de pesquisa ou como uma questão pessoal? Você pode contar um pouco para nós como esta trajetória relaciona-se com o imperialismo?

Bom, é um pouco exagerado dizer que minha vida é marcada pelo imperialismo. São tantas mediações que fica difícil falar sobre o assunto. Primeiro, eu estudei História e Economia na Universidade de Córdoba na Argentina em 1976 sob um golpe militar. Este golpe militar foi sustentado pelo imperialismo norte-americano, todo mundo sabe. Eles anunciaram com semanas de antecedência o golpe e quem ia ser o ministro da economia no futuro governo militar, que chamava José Martínez de Hoz, que já morreu e foi o “grande ministro” de economia da ditadura militar. Sobre a ditadura eu tive que fugir de Córdoba para Buenos Aires onde fiquei um ano militando clandestinamente. Meu irmão foi sequestrado, ele foi um dos desaparecidos da ditadura. Eu fiquei sabendo anos depois que tinha sido expulso da Universidade de Córdoba e de todas as universidades do país por um decreto militar.

Na Argentina, minha situação se tornou insustentável porque eu estava em todas as listas dos procurados e então tive que fugir. Eu fui para a França, onde morei 4 anos e meio e completei meus estudos em História e em Economia. Fiz mestrado e doutorado em História. Em 1982 aproximadamente eu vim para o Brasil e em 1984 eu passei em um dos primeiros concursos públicos que foram feitos no país, porque até esse momento os cargos eram designados à dedo, por indicação. Como se extinguiu o sistema das velhas cátedras, eu entrei. Como tinha concurso de História contemporânea, foi a área em que eu entrei. Tinham dois candidatos, mas eu entrei como o primeiro classificado, porque só tinha uma



vaga em jogo. Desde 1984 eu estou na Universidade de São Paulo. Eu estou complementando 38 anos como docente da Universidade de São Paulo.

Isso é uma síntese muito rápida, porque no meio de tudo isso eu continuei minha militância no movimento social e movimento sindical. Eu fui vice-presidente do Andes, o sindicato nacional [dos professores] e da ADUSP, dei cursos para o MST, estive vinculado com os movimentos e tenho tentado me manter na ativa apesar de problemas de saúde e essas coisas. Agora eu continuo como docente na ativa, apesar de ter todas as condições para me aposentar. Eu estou um pouco mais cansado porque nas quintas e sextas-feiras eu dou aula de quatro horas de duração.

Mas como colocar o imperialismo nessa história? Bom, o imperialismo foi responsável pelo golpe militar na Argentina. Agora, dizer que os militares argentinos deram o golpe por ordem do imperialismo é um pouco exagerado porque não foi assim. Eles deram o golpe por conta própria, de acordo com seus próprios interesses e do interesse da classe empresarial que apoiou o golpe composto pelo imperialismo e pela burguesia nativa e pela casta militar argentina.

Quanto ao imperialismo, ele é uma coisa concreta. É uma noção teórica que nós usamos para analisar coisas concretas. Se a teoria não serve para analisar fenômenos concretos, então a teoria é um puro exercício intelectual sem nenhuma importância. Para falar do imperialismo temos que falar da história do imperialismo e da teoria do imperialismo, da qual eu não me ocupei especificamente. Eu sou historiador, de história econômica principalmente. Na verdade, 'história econômica' é uma forma de acomodar as coisas dentro da academia. História econômica é quase um exercício de história no qual se diz "olha, a economia está presente". Porque em história econômica você tem que analisar não só os fenômenos econômicos como também todas as suas consequências sociais, políticas, ideológicas, culturais etc.

Bom, é isso. Eu não poderia avançar muito mais sem começar a entrar em detalhes e aí na hora de escolher os detalhes seria difícil para mim selecionar quais são mais importantes ou menos importantes. Óbvio que me referi aqui há mais de 50 anos de vida, eu não posso resumir-los senão de maneira muito rápida. No meio de tudo isso eu fiz muitas coisas: tive quatro filhos, decidi ficar no Brasil, porque já estava aqui, e não voltar para a Argentina. Não que eu tivesse algum problema com a Argentina, foi por questão de trabalho mesmo. Eu poderia ter me desenvolvido na Universidade de Buenos Aires, mas quando esta possibilidade se abriu para



mim eu já estava aqui, já tinha feito meu doutorado na França em 1983. E entrei como docente na USP em 1984. Isso já era suficiente para mim. Outra mudança seria demais. As mudanças de Córdoba para Buenos Aires, de Buenos Aires para Paris e de Paris para São Paulo foram como começar do zero. Voltar de novo para Buenos Aires ou para Córdoba e começar do zero não dava. Eu reconheço que eu não tinha mais fôlego para isso. Por isso decidi ficar por aqui mesmo.

[Carlos Cordovano] Eu gostaria de propor que o senhor fizesse uma apreciação do debate clássico do imperialismo, um debate que tem uma primeira referência o Hobson, depois toda uma tradição marxista com diversas vertentes com textos até do Schumpeter, enfim vários matizes que deixam o debate muito rico, numa quadra histórica que vai desde o começo do século até a Segunda Guerra Mundial. Eu gostaria de propor que você fizesse uma apreciação deste o debate à luz desta quadra histórica e particularmente à dinâmica “revolução e contrarrevolução” neste período

Eu vou tentar apontar qual é o principal elemento que não se leva em conta e qual foi a contribuição específica dos marxistas em relação a este debate, que evidentemente é a preocupação que a sua pergunta traz. O imperialismo no sentido contemporâneo da palavra, começou a ser usado na década de 1840. Nesse período a palavra [imperialismo] aparece pela primeira vez em texto de pessoas que evidentemente não eram marxistas, porque em 1840 não existia nem o marxismo e nenhuma teoria que tivesse esse nome. A palavra foi sendo divulgada e difundida até que ela se tornou bastante comum no último quarto do século XIX. Até esse momento, “imperialismo” designava simplesmente o imperialismo concreto: o imperialismo grego, francês. Evidentemente ela se referia a impérios coloniais como o caso da França, Inglaterra, Espanha e Portugal, que eram as potências que haviam tido impérios coloniais de importância no passado. Uma consciência foi surgindo no último quarto do século XIX no sentido de que a palavra designasse um conceito e não apenas um fenômeno concreto. Um conceito quer dizer um sistema.

Quando Hobson escreveu “O Imperialismo” já existia a ideia de que há algo mais do que o império inglês, francês, espanhol, português, holandês, belga e ou o potencial império alemão que surgiu após a conferência de Berlim de 1875, que deu a Alemanha o direito de colonizar parte da África Ocidental ou da Índia - e assim por diante. Alguns teóricos



começaram a se preocupar com a existência de um sistema imperialista. Hobson é um nome importante, mas o primeiro nome importante do ponto de vista marxista e evidentemente mais conhecido é o de Kautsky, quem se debruçou sobre o fenômeno. Quando Kautsky, Hobson e Lucien Delabarre Sanial - um francês que vivia nos EUA e em 1913 escreveu um livro sobre o capital monopolista e o capital financeiro [*General Bankruptcy or Socialism*] - escreveram, a palavra imperialismo já era consensualmente uma palavra usada para designar mais do que um império concreto, mas o conjunto dos impérios articulados, ou seja, um sistema. Ou, como vai dizer Lenin em 1916 – apesar de que quando Lenin escreve este já era um debate tardio, porque o debate já estava amplamente em andamento – quando escreveu *Imperialismo, fase superior do capitalismo*, o termo designa um sistema com sua própria lógica, que vai além, ou como diz Lenin, uma fase superior e diferenciada do capitalismo. Agora, essa diferenciação do imperialismo como fase superior do capitalismo foi uma conclusão polêmica, que hoje nos parece natural. Para Hobson o imperialismo não era uma fase superior do capitalismo, o imperialismo era um fenômeno político e ponto final. Para Kautsky também era um fenômeno político. Deste ponto de vista, Lenin inovou teoricamente, porque ele vinculou o imperialismo com uma fase do capitalismo. Quem também fez isso um pouco antes do Lenin foi o Bukharin em um livro que se chama *Economia Mundial e Imperialismo*. Este é um livro bastante difundido em português porque integra a coleção “Os Economistas” da Editora Abril.

Na verdade, houve um grande debate. Um dos livros de autoria de um amigo meu e meu conterrâneo, que é professor na Universidade de Córdoba, é na verdade uma grande coletânea sobre todas essas diversas abordagens e mostra como essa questão do imperialismo amadureceu. É a primeira coletânea que faz isso. Ela está publicada em inglês por uma editora holandesa. Essa coletânea mostra como por diversos autores vai se definindo a noção de imperialismo. Não há uma definição que seja consensual. Se nós pegarmos somente os autores marxistas, por exemplo Lenin, Bukharin, Rosa, Kautsky, Hilferding não há uma noção única de imperialismo em todos eles. Para falar a verdade, eu vou dizer uma coisa um pouco mais ousada: não há um balanço sobre o debate clássico do imperialismo até hoje, ou seja, daquele debate que se processou nas últimas duas décadas do século XIX até as primeiras décadas do outro século. Um balanço desse debate, não como uma coletânea de textos, como nesse que eu acabei de mencionar, mas como um apanhado que tira uma conclusão ou um saldo deste grande



debate, ainda precisa ser feito, apesar de sua importância. Eu nunca vi nenhum livro que diga “o debate sobre o imperialismo de 1890 a 1930”.

Também temos que considerar o livro de [Eugene] Varga que se chama *Dados complementares da teoria do imperialismo de Lenin*. É um livro da década de 20. O Varga era o “economista oficial” da Internacional Comunista e ele tenta complementar a teoria do imperialismo de Lenin. Seria necessário fazer isso. Se os amigos da onça não roubaram esse meu texto de Varga, que é praticamente o último desse longo debate. Temos que considerar também as contribuições do Trotsky, embora ele nunca tenha escrito algum texto referido especificamente ao imperialismo, mas suas intervenções polêmicas no interior da Internacional Comunista, em particular diante da central do Stalin – e ao stalinismo – são muito importantes acerca do imperialismo. Elas estão em um livro do Trotsky chamado *Stalin, o Grande organizador de derrotas* ou *A Internacional Comunista depois de Lenin*.

Eu penso que esse seja um trabalho ainda por ser feito. Tem um aluno do Fernando Novais [Eduardo Mariutti] que fez um trabalho importante, articulando o colonialismo e imperialismo. Eu o conheço pouco, somente estive em uma banca com ele. Ele fez um trabalho bem erudito sobre a questão, mas não acho que tenha chegado ao ponto em que eu menciono, ou seja, de fazer um balanço de 50 anos de debate sobre o imperialismo, que se processa nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

Eu poderia fazer esse trabalho. Se me der vontade pode ser que eu faça. Vamos ver se eu vou conseguir fazer né? Porque é um trabalho de história econômica propriamente dito. Eu não estou fazendo isso neste momento, mas eu gostaria de poder fazer um trabalho deste tipo, não para poder tirar uma conclusão definitiva, mas pelo menos mostrar que há um debate histórico e que diz respeito a formação do mundo em que vivemos. Contra isso conspira também um hábito acadêmico porque os grandes trabalhos de síntese em geral não são bem-vistos na academia. Por que não são bem-vistos? Porque na academia você tem que se concentrar num ponto específico e concreto e ter uma base de fontes que te permita tirar uma conclusão original. Ou seja, há uma série de normas específicas da academia que afugentam a ousadia teórica de poder dizer “eu vou me ocupar de 50 anos e de todos que escreveram sobre este fenômeno ou dos mais importantes, pelo menos para tirar algum tipo de conclusão ou para não tirar conclusão nenhuma, senão simplesmente mostrar que tipo de debate era esse”.



Ou seja, seria importante fazer este exercício não para ter uma conclusão, mas porque nós estamos relativamente às cegas sobre em qual mundo vivemos. Nós não sabemos direito em que mundo vivemos, por isso aparecem as teorias mais estapafúrdias, que se baseiam em um aspecto da questão e em grande parte pela situação em que estamos vivendo hoje.

Hoje em dia nós não temos um movimento operário, independente e organizado em uma Internacional ou qualquer coisa parecida. Não temos um foro, como foram em outros tempos a Internacional Socialista e a Internacional Comunista, onde estes debates pudessem ser processados. A história sem as Internacionais é dramática. O debate se processa basicamente em termos acadêmicos e em termos acadêmicos o problema está no que eu acabo de dizer: a academia domina a política atualmente, mas no passado era política que condicionava a academia. Agora é ao contrário e isso provoca um problema sério, porque na academia se você tem que fazer qualquer trabalho mais ousado, por exemplo, se você apresenta um projeto como o que eu acabei de dizer na FAPESP, eu aposto 99 contra 1 que você não vai conseguir bolsa. Vão dizer que você é megalomaniaco e que está... qualquer coisa, qualquer pretexto, por exemplo que você está utilizando teorias ultrapassadas como o marxismo... babaquices deste tipo. Isto tem uma variante na esquerda que consiste em isolar problemas e fazer deles objeto de estudo. Por exemplo, o proletariado não existe mais porque estamos vivendo a era da acumulação flexível ou o único problema que importa no mundo é o problema ecológico ou qualquer teoria ou alguma descoberta, qualquer coisa desse tipo a partir do qual uma pessoa constrói uma teoria do mundo atual isolando apenas um aspecto da sua situação. Por isso que eu ressalto que do ponto de vista da História – que é onde eu estou – o mais importante seria fazer o que é inexistente: um debate articulado sobre as teorias do imperialismo que apareceram junto com o imperialismo porque é nessas teorias que está a questão principal.

Marx escreveu *O Capital* quando o capital não estava completamente desenvolvido. Ele escreveu *O Capital*, quando o capital comparado ao capitalismo de hoje, era um capitalismo embrionário. Isso porque Marx viu o fenômeno em seu nascer, o que o permitiu captar sua especificidade mais facilmente do que a teóricos posteriores. Porque ele tinha diante dos olhos, o antigo regime e o regime do capital. Ambos estavam vivos na época do Marx. O capitalismo só existia na Inglaterra enquanto sistema quando Marx escreveu. Quando ele escreveu ainda se duvidava que o capitalismo seria



capaz de dominar o mundo. Marx via que ele ia dominar o mundo e esse foi um dos diversos acertos de Marx.

Eu diria que com o imperialismo é a mesma coisa. Nós não podemos saber o que ele é hoje, se é que ainda existe, já que existe um monte de autores, inclusive marxistas, que dizem que o imperialismo não existe mais. Bom, nós não podemos captar a veracidade desta afirmação e nem da afirmação contrária se nós não analisarmos (não o Marx do imperialismo, porque o Marx do imperialismo não existiu, houve um conjunto de autores que se ocuparam do tema) aqueles autores que viram o fenômeno no momento de seu nascimento, conseguiram comparar o capitalismo pré-imperialista com o capitalismo imperialista. Este apanhado geral sobre a questão do imperialismo, ou seja, esse balanço que leva em conta diversas posições nunca foi plenamente realizado. Foi realizado de maneira parcial através de autores que se ocuparam do assunto, seja do ponto de vista político ou seja do ponto de vista acadêmico, com observações de caráter incidental. A ideia básica é que o imperialismo não é apenas um fenômeno político, o imperialismo é um fenômeno econômico. Tem aqueles que dizem, "o imperialismo é a existência de colônias", hoje em dia há colônias, mas elas são marginais. Não podemos dizer que não há imperialismo porque não há mais colônias. Existem ainda algumas colônias por aí, mas a política oficial da ONU, que é aceita por todos os países do mundo, é que colônias não devem existir. Existe também uma política de descolonização para isso.

A primeira tarefa a ser feita com relação ao imperialismo no meu entendimento é pegar alguns autores, eu não diria 500 autores, mas pelo menos uns trinta ou quarenta autores principais que escreveram sobre o imperialismo entre 1880 e 1930 e fazer uma articulação por ordem desse debate e tirar uma conclusão. Isso nos permitiria avançar, e eu acredito que seria uma ótima contribuição, imprescindível para entender o mundo em que vivemos, porque do contrário somos obrigados a entender o mundo a partir de intervenções de caráter político-acadêmico, de caráter parcial, ou ficarmos a mercê de provocadores engenhosos que escrevem sobre coisas a partir de observações parciais; como Zizek, que é um autor que está na moda, como outros deste tipo; ou como esses grupos por aí que descobrem que tem a pedra filosofal, como aquele grupo do Robert Kurz que diz que está tudo errado e que só eles tem razão, porque Marx estava metade errado e que o único Marx que presta é aquele que critica o fetichismo da mercadoria e que todos os movimentos atuais, inclusive chegam a qualificar



todos os movimentos, como o de luta contra o imperialismo etc., como movimentos de caráter reacionário.

No caso do Zizek, eu estive em um debate com ele uma vez na USP e nós rimos bastantes porque eu não o levei a sério. Ele fez uma exposição para o público e eu me lembro que ali estava o Safatle comigo na mesa e o Paulo Arantes. Eu lembro que o Safatle fez uma pergunta para ele sobre Lacan, porque o Safatle levou a sério, ele é um cara inteligente, como todo mundo sabe, ele é um intelectual público e tudo mais. Mas eu percebi que o Zizek, que tinha falado por exemplo sobre chocolates que provocavam defecações e cinema pornô na sua intervenção, estava querendo vender o seu livro que tinha sido publicado pela Boitempo. Ele queria estabelecer com o público – que era enorme – um bate-papo informal, que não era para ser levado a sério. Eu não levei a sério e fui nas piadas dele e fiz outras piadas. Ao invés de discutir as ideias eu fiz piadas! E no fim o Zizek achou muito simpático isso, porque afinal ele estava aqui para se divertir. O que ele poderia dizer em meia hora que revolucionasse a mente de alguém? Ele foi lá, apresentou o livro e fez um monte de piada. Eu fiz piada, mas os outros levaram a sério e perguntaram sobre a Lacan e o Zizek não estava com nenhuma vontade de falar sobre Lacan e nem psicanálise.

Esse é um autor que vende muitos livros, e é notável que ele seja visto como um guru e ele provavelmente quer ser visto como qualquer coisa, menos como um guru! Ele é um provocador das ideias e nada mais. Ele é muito engenhoso e muito erudito, mas não tem teoria sobre nada praticamente e nem pretende ter.

Nós estamos em uma situação de sobreprodução de ideias, muitas das quais não valem nada, e de ausência de teoria. Dizer isso de maneira tão categórica pode ser visto também como uma provocação, mas para mim não é. Eu tento me pautar no meu trabalho acadêmico, que está muito atrasado, para fazer essas considerações.

Eu já fiz estes trabalhinhos. Minha tese de doutorado foi sobre o trotskismo na Argentina. Por quê? Porque eu tinha que fazer um trabalho concreto sobre um assunto concreto, delimitado. Eu estou buscando fazer este tipo de trabalho [revisão sobre o imperialismo] ou pelo menos dar uma contribuição sobre o tema, porque o tema do imperialismo está longe de ser um debate concluído, pelo contrário, é um debate que está apenas engatinhando. Não se tem uma ideia do debate histórico sobre imperialismo, ou seja, o debate sobre imperialismo do último quarto do século XIX e das primeiras décadas do século XX, ele tem que ser analisado



com o mesmo cuidado e a mesma atenção com que é analisado *O Capital* de Marx, sobre o qual já se escreveu tantas coisas. No entanto, ele é praticamente desprezado, apesar de ser um debate riquíssimo. Inclusive ele é mais complexo, ou de outro tipo de complexidade, do que o debate sobre *O Capital* de Marx. Para analisar o imperialismo tem que se partir de Marx e da teoria de Marx ou das observações de Marx acerca dos monopólios, tem que se partir de Engels, tem que se partir de todos os autores do século XIX que escreveram sobre o assunto: Kautsky, Hilferding etc., tem que passar pelos outros autores, alguns que são completamente desconhecidos. Tem poucas pessoas que estão dispostas a fazer esse trabalho seriamente. Um amigo meu da universidade de Córdoba, que acabei de mencionar, trabalha em conjunto com uma economista de uma universidade do Canadá, que se chama Richard Day, que tem trabalhos extremamente esclarecedores sobre essa e outras questões, mas que é complementarmente desconhecido, porque faz um trabalho muito sério e porque pega os grandes temas, mas isso não dá ibope. Nós vivemos hoje em um mundo diferente daquele de antes... nós temos um mundo onde as ideias estão monopolizadas pela academia e a academia tem normas que não tem a ver com o conhecimento da totalidade. A academia tem suas virtudes, mas tem também os seus defeitos. Isso gera uma batalha de caráter teórico e também político.

Para sermos capazes, diante da tendência pós-moderna que todo mundo critica, mas que todo mundo aceita, na qual não há movimentos gerais, e em que o sujeito fragmenta naturalmente o objeto do pensamento. Nós aceitamos essa fragmentação do objeto do conhecimento ao mesmo tempo que falamos mal do pós-moderno e criticando o pós-modernismo, que é o que se faz mais atualmente dentro da academia.

Eu vejo que muitos ex-orientandos meus, muito inteligentes e que se preocupavam quando eu os orientava com as questões mais gerais, mas que agora na academia se deixam levar pela lógica de ter que fazer algo que venda: temos que fazer um livro que possa vender e para isso pegam assuntos que possam dar algum tipo de ibope. É lógico que se você faz um livro sobre as teorias do imperialismo é muito difícil que você tenha muitas vendas. Se você faz um livro sobre os cangaceiros, você vai vender muito mais livro. Então, numa editora, se você quer vender e sobreviver na selva acadêmica, é melhor fazer livros sobre cangaceiros. Se você fizer um livro sobre imperialismo ninguém vai te dar bola. Você não vai vender e vai ser um livro difícil de ser lido. Nós temos que lutar contra isso e essa é a resposta que eu posso dar.



[Fábio Campos] Muito boa a discussão do senhor sobre imperialismo, tema que está fora da academia e está ausente da pauta dos movimentos de esquerda sociais que infelizmente não fazem esta discussão, o quanto deveriam, nos termos que o senhor acabou de apresentar. Eu acho que o senhor colocou na resposta uma questão fundamental de que o estudo da história do imperialismo e também sua teoria e sua interpretação totalizante, naquele contexto dramático de guerra, de revolução e de contrarrevolução, no início do século XX, tinha como questão central organizar a classe trabalhadora para superar aquela barbárie. Inclusive o Lukács chama atenção disso naquele livro sobre o Lenin: o grande mérito do Lenin e de outros autores daquela época é justamente este, criar uma teoria e uma reflexão para aqueles que estão interessados em superar essa barbárie chamada imperialismo. É isso que nos falta hoje, como o senhor colocou muito bem. Um outro problema que decorre da sua resposta é como atualizar este debate clássico para outros momentos do capitalismo, dentre os quais um importantíssimo que gestou boa parte das contradições que a gente vive hoje, dos dramas que passamos, é o do momento imediato da Segunda Guerra Mundial, em que autores como Sweezy, Baran, Magdoff e Mandel – para ficar só nos nomes mais conhecidos – tiveram que atualizar o debate clássico. Tiveram que fazer exatamente isto que o senhor está propondo. Então nesta primeira questão deste bloco eu gostaria de perguntar: quais os principais problemas, inclusive metodológicos, que o senhor vê nessa atualização que foi feita no pós-guerra? Neste momento se tem um fenômeno novo, que é o dos EUA, deste complexo industrial-militar, de uma doutrina de segurança nacional, que na verdade é uma doutrina de segurança imperial e também de algo que não estava exposto no debate clássico que é o fim absoluto da humanidade pela bomba atômica no pós-guerra. Para puxar um pouco a sardinha para o nosso lado e para o nome da revista, o fim do mundo no pós-guerra se reconfigura de outra forma. Como fica essa questão de atualização do debate clássico nesse período, professor?

O problema consiste no seguinte: quando você tenta atualizar uma teoria existe uma chance grande de você esquecer o passado. Isso quer dizer que estamos vivendo uma época inteiramente nova. Nós tivemos um debate de esquerda no capitalismo pós-guerra, no qual apareceram as intervenções



do Baran, do Sweezy, e de outros autores e livros bem importantes que pautaram esse debate. No entanto, ainda não havia se chegado a nenhum consenso acerca do regime de acumulação posterior à Segunda Guerra Mundial, e logo veio a crise. A crise nos obrigou a repensar todo esse debate que não tinha sido ainda processado em marcos políticos, tinha sido um debate processado em marcos acadêmicos, em que a política aparecia como uma projeção da atividade acadêmica. A revista de esquerda mais importante do pós-guerra, na qual aconteceu esse debate, é uma revista de língua inglesa chamada *Monthly Review*, que tinha muita importância nos ambientes políticos, mas para falar a verdade era uma revista estritamente acadêmica, embora ela aceitasse contribuições não vindas da academia etc.

Neste momento houve dois problemas, o primeiro é que, como disse Perry Anderson, o marxismo ocidental se confinou na academia à diferença do marxismo clássico que era um marxismo vinculado ao movimento operário. Isso é uma constatação. O Perry Anderson tentou tirar alguma conclusão sobre isto e fez alguns livros onde tem páginas bastante esclarecedoras, já que ele era um cara inteligente e observador. O debate clássico do imperialismo não era feito na universidade, mas sim na Internacional. São textos e posições defendidas no interior da Internacional Socialista e eventualmente na Internacional Comunista. Mas se nós falarmos dos debates mais recentes, por exemplo, de Baran, Sweezy, Aglietta... bom, são todos autores acadêmicos, ou ainda pior, funcionários de Estado. Eu também sou da academia, mas o que eu quero dizer é que o debate se deslocou da esfera do movimento operário para a esfera do Estado. Logicamente isso condiciona o debate, porque é um debate que não está vinculado a orientar uma política do movimento operário, mas orientar para que as pessoas entendam melhor o que está acontecendo. Não quero dizer que esse material seja rejeitado, muito pelo contrário, mas nenhum dos autores que eu mencionei estão pretendendo pautar a política do movimento operário. Isso nem sequer aparece como preocupação, inclusive em alguns casos aparece como oposição, como o caso de Samir Amin que diz o movimento operário é coisa do passado. Isso acontece porque ele é um autor vinculado com a luta anticolonial e não com a luta do movimento operário para derrubar o capitalismo.

Em segundo lugar, tivemos um fenômeno político para o qual chamou atenção Fukuyama no livro que todo mundo reclama, mas que todo mundo aceita, sobre o fim da história. Ele falou no fim da história como uma provocação, dizendo que o mundo do passado acabou, porque não existem



mais colônias. Agora é democracia e democracia é liberal. O único que faltava era que acabasse a União Soviética, e acabou, por isso acabou a história. E então alguém ponderou que ainda assim o imperialismo continuava existindo, bastava observar as guerras do Iraque, etc. O Fukuyama fez em reposta alguns ajustes na teoria dele, mas ainda assim ninguém conseguiu derrubar sua teoria, mesmo dentro do marxismo. O que o marxismo pensou é uma coisa a partir de um mundo que não tinha desenvolvido plenamente suas potencialidades. Ele criticou o imperialismo,

Schumpeter é outro autor que deve ser levado em conta, embora ela escreva no pós-guerra. Ele é um autor que criou suas bases teóricas na pré-guerra. Ele foi membro da comissão de socialização da República de Weimar, era um homem que tinha origem de esquerda. Para ele o imperialismo é um monstro que o capitalismo carrega consigo por causa de sobrevivências pré-capitalistas. Portanto, quando o capitalismo se desenvolver plenamente, não vai haver mais necessidade do imperialismo, pois o capitalismo prescindir do imperialismo e porque o imperialismo é uma sobrevivência do passado pré-capitalista. Então como se articula tudo isso: na teoria dele? É por causa disso que há, por exemplo, por dentro do capitalismo, fenômenos como o fato do Congo Belga, o Estado livre do Congo, pertencer pessoalmente ao rei da Bélgica, Leopoldo II. Isso é um fenômeno capitalista?

Não, isso é um típico fenômeno do Antigo Regime. Então esses autores foram os que pautaram o debate mais recentemente: Schumpeter, e Fukuyama. Ambos são criticados no varejo, mas aceitos no atacado, porque não há um balanço da teoria do imperialismo e da sua profundidade naquele momento. Consideram que o imperialismo não sobreviveu aos fatos, e atualmente o debate não é feito com base nisso. E em segundo lugar, na esquerda há um fenômeno, o Stalinismo, que foi decisivo ao colocar a questão da coexistência pacífica entre socialismo e capitalismo. Houve uma adaptação crescente da esquerda à esta tese que coroou Stalinismo e colocou a democracia como valor universal. Se o valor universal é a democracia, então o imperialismo não tem mais nada a ver?

A partir de então, o que vai pautar o debate da esquerda é democracia versus antidemocracia. Isso está na pauta, hoje, por exemplo, com Bolsonaro, aqui no Brasil. Mas na realidade já está em pauta há muito tempo. Quando ocorreu a Guerra das Malvinas, eu tinha acabado de chegar aqui em São Paulo. Tínhamos um grupo de exilados argentinos que começaram a agitar contra a intervenção inglesa nas Malvinas e contra a ditadura, logicamente. Mas o principal objetivo do grupo era combater a



intervenção inglesa, porque era uma intervenção imperialista contra a Argentina e contra toda a América Latina. Preparamos uma resolução e fomos em um encontro nacional do PT, que nesse momento estava surgindo. Era praticamente uma espécie de convenção de toda a esquerda brasileira, exceto o PCB. Nós nos apresentamos: "estamos vindo aqui, somos argentinos e queríamos ver se esse encontro poderia ter um pronunciamento sobre as Malvinas". Ainda não era a guerra, era o momento em que a frota inglesa estava a caminho. Nossa resolução era antiimperialista, porque criticava o imperialismo inglês, rejeitava a intervenção inglesa, e logicamente criticava a ditadura, uma vez que nós estávamos exilados pela própria ditadura. E aí eles disseram: "que legal que vocês vieram, porque nós temos uma comissão que está preparando uma resolução sobre o mesmo assunto".

Pensamos que seria ótimo, que tentaríamos convergir as duas propostas e fazer uma resolução comum para esse encontro nacional tão importante. E aí aparece a tal comissão - deixarei de lado o detalhe de quem estava na comissão - dizendo que a resolução do PT era de apoiar a Inglaterra. Nós ficamos horrorizados! Eles disseram que era guerra de um estado democrático contra um estado ditatorial. Ainda não sabíamos que a Thatcher estava inventando o neoliberalismo, mas mesmo assim nós quase caímos de costas! Não conseguimos chegar em uma resolução em comum. Parece que a oposição anti-imperialista tinha desaparecido para a esquerda. A oposição era apenas da democracia contra antidemocracia. Esse é o debate político ideológico atual. Estamos falando do corte da esquerda contemporânea em relação à tradição da esquerda e a tradição dos debates de esquerda em todo esse período que foi mencionado inicialmente. Eu acho que essas pessoas que prepararam essa resolução sobre imperialismo e suas teorias poderiam não estar cientes sobre o que estava acontecendo ou a categoria de imperialismo parecia ter desaparecido da cabeça dessas pessoas.

Eu me lembro que - agora que morreu Paul Singer- foi lembrada de uma intervenção importante dele quando ele se contrapõe aos argentinos, que no meio da Guerra das Malvinas, foram colocar a luta anti-imperialista. Ele defendeu que aí não havia nenhuma questão de imperialismo, era uma pura questão de democracia. Para a Argentina, o mais conveniente era que a ditadura perdesse a guerra. Ou seja, que a Argentina perdesse a guerra. Porque se a Argentina perdesse a guerra, provavelmente a ditadura cairia, e foi o que aconteceu. Então a Argentina poderia voltar à democracia, e foi



também o que aconteceu. E para todas essas pessoas, o que aconteceu na Guerra das Malvinas, a derrota de uma nação oprimida no sistema imperialista por uma nação imperialista, foi o melhor que poderia ter acontecido, porque no ano seguinte a ditadura convocou eleições. Então chegou Alfonsín que afundou o país, ou o afundou pela metade, e aí o sucedeu a Menem que terminou de afundar tudo. Entregou todo o país ao imperialismo. E tudo isso, como foi feito em nome da democracia, é celebrado e “tudo bem”. Mas esse é outro debate.

Eu estou propondo duas coisas: a primeira, do ponto de vista teórico histórico é resgatar o debate sobre imperialismo e trazê-lo de novo à tona. Não se trata só do restante dos textos, mas uma reflexão acerca deles. E depois fazer um balanço crítico do debate acerca do capitalismo e imperialismo no pós-guerra. Falta à esquerda uma reflexão crítica, que hoje é totalmente ausente, acerca das suas origens atuais e de como conseguiu se emancipar por completo de toda a tradição teórica e pragmática precedente e abraçar a causa da democracia como valor universal que é a versão à esquerda no fim da história de Fukuyama. Da mesma forma como a esquerda diz que com a democracia se desenvolve a história, e que a democracia é um valor universal, ele diz que o regime político democrático é o fim da história. Essas opiniões convergem, só que uma vem da direita – a de Fukuyama – e outra vem da esquerda. E cuidado que Fukuyama não é da direita, ele se tornou a “besta negra” da esquerda porque falou sobre o fim da história, mas era um cara que vinha da academia. Um conservador, não um fascista.

O que temos diante de nós é um debate enorme, mas não me assusto, porque as toneladas de notícias que circulam via internet não me assustam em absoluto. A esquerda perdeu a bússola teórica... perdeu por completo e a responsabilidade não é da academia, porque a academia sempre existiu. O que faz hoje a academia é o que sempre fez de uma maneira um pouco mais sofisticada. A responsabilidade é da própria esquerda, por ter se deixado ser colonizada pela academia e por ter perdido por completo a bússola da teoria. A esquerda renunciou à teoria e preferiu uma colcha de retalhos de afirmações soltas que não se provam em nada. Enquanto nós somos herdeiros de uma esquerda preocupada com a teoria.

Kautsky, por exemplo, pode ser criticado por sua teoria do imperialismo, mas ele respeitava a teoria. Os kautskistas de hoje não são kautskistas, porque Kautsky (que eu critico) poderia estar errado, mas partia de um ponto de vista teórico e considerava a teoria para inserir suas ideias.



Os kautskistas de hoje estão muito abaixo dele, porque não respeitam a teoria e não se importam.

Agora estamos no meio de uma esquerda que se colonizou pela academia e pelos movimentos identitários. Eu defendo a luta dos negros e defendo a luta das mulheres e pela diversidade. Mas para eles a luta de classes e a teoria não existem mais, porque a luta identitária substituiu a luta de classes. E por aí nós temos um fenômeno quase cômico. Por exemplo, eu organizei como vice-presidente do Andes, um debate sobre diversidade de gênero, na qual aceitei que fossem convidados uma série de oradores que foram bancados pelo sindicato nacional. A maioria dos oradores deste encontro falaram que a luta de classes e o sindicalismo são coisas do passado, que a única coisa que servia era a luta de gênero! E eu disse: "então por que vocês aceitaram nossas passagens aéreas, nosso hotel e as estadias que um sindicato, que acredita na luta de classes, está lhe pagando, para vir aqui dizer que não servimos para nada?". É uma situação surrealista, mas eu não fiz questão de fazer muito escândalo, simplesmente dei uma risada. O sindicato nacional bancou um evento nacional em que o único que se fez foi falar contra o sindicalismo em nome da diversidade de gênero. Nós chegamos a esses absurdos nas situações nas quais nos encontramos atualmente. O problema é que o capitalismo não está bem das pernas e vai lembrar a todo mundo sobre as velhas questões: luta de classes, poder político, teoria. Essas são questões que permanecem presentes embora sejam ignoradas pela quase totalidade da esquerda.

[Fábio Campos] Bom professor, eu quero usar uma metáfora que o senhor colocou que é a "perda da bússola" pela esquerda. Justamente a teoria e a gramática que organizavam a luta foi construída a duras penas, desde Marx e Engels e infelizmente boa parte dela se jogou no lixo. Eu queria deslocar agora essa questão do imperialismo, que é o foco da edição da nossa Revista para a questão da América Latina. O senhor já tocou em vários pontos sobre sua trajetória, mas eu queria uma discussão mais ampla no sentido de que a América Latina sempre foi um terreno para o imperialismo, no entanto, a partir da Crise de 1929 principalmente, há uma tendência de buscar conhecer os problemas fundantes da América Latina, como os problemas econômicos, dependência externa, subdesenvolvimento, colonialismo cultural, e é nesse bojo que nascem reflexões importantes sobre a formação nacional e do papel do imperialismo, e junto delas, está de



certo modo a organização de luta e de revoluções nacionais na América Latina (o próprio caso cubano, tem esse traço nesse momento). Então é interessante observar um período que ao mesmo tempo é de conciliação com o imperialismo e de assimilação e tradução do debate clássico do imperialismo por alguns autores marxistas. Ao mesmo tempo, e o Adilson está aqui, a gente acabou de escrever um artigo no número anterior sobre revolução e contrarrevolução junto com o Paulo Lima. É um momento que está se andando na América Latina uma contrarrevolução defensiva. Uma contrarrevolução de caráter preventivo, como o próprio Florestan Fernandes trabalhou muito bem em *A Revolução Burguesa do Brasil*, livro de 1975. E um dos aspectos dessa contrarrevolução é justamente essa que o senhor acabou de falar. É tirar de nós essa reflexão radical a partir da teoria e dos clássicos, e como isso pode ser traduzido para a nossa realidade e principalmente para a luta, e não para fazer teses acadêmicas. E parece no caso brasileiro que o Golpe de 1964, dentre as várias funções, uma foi justamente essa. Fragmentar, especializar e tirar as grandes questões do escopo da luta que estava engendrado ainda de forma muito incipiente no Brasil, a revolução brasileira. Então eu gostaria que o senhor fizesse uma apreciação desse movimento da contrarrevolução na América Latina e a tradução do imperialismo e de suas discussões que foram sufocadas nesse processo.

Eu vou te fazer uma reflexão histórica. Em primeiro lugar, quando você diz "que a esquerda perdeu a bússola", eu diria que o panorama é muito mais dramático, a esquerda não sabe sequer que a bússola exista, a perdeu e esqueceu da sua existência. Ou seja, não é que hoje perdemos a bússola e vamos buscá-la. A esquerda nem sabe que a bússola existe, certo? E prefere navegar sem bússola, e obviamente vai parar em qualquer parte.

Segundo lugar, há uma questão sobre imperialismo e América Latina que não está devidamente esclarecida também, há algumas reflexões interessantes em Trotsky a respeito, porque dos marxistas clássicos é o único que viveu na América Latina, mas não estou querendo dizer com isso que Trotsky a resolveu, não resolveu nada. Lamentavelmente ele foi assassinado aos 61 anos de idade, e provavelmente se tivesse vivido um pouco mais, uma década a mais, se estivesse enfronhado mais nos problemas latino-americanos, coisa que teria acontecido pois ele morava no México, se permanecesse no México, teríamos tido contribuições interessantes. Porque



acontece que a América Latina, nessa corrente imperialista, ocupa um lugar específico, e o papel da América Latina na história nunca foi discutido a partir desse ponto de vista. Foi discutida a sua origem, há um livro muito interessante, mas também muito criticado, de José Aricó chamado *Marx y América Latina*. Há um debate que foi colocado pelo nacionalismo, inclusive pelo nacionalismo marxista latino-americano, do apoio dado por Engels da colonização e da anexação da Califórnia e do norte do México, que atualmente configuram o sul dos Estados Unidos (Texas, Califórnia, e metade do território do México que lhe foi amputado, o México que tinha superado o colonialismo) pelos Estados Unidos, e se isso configura ou não uma política imperialista, porque estamos falando do capitalismo pré-monopolista. Há a afirmação de Felipe Forner que esta foi a primeira guerra propriamente imperialista do Estados Unidos. Ontem eu dei aula e disse: "O mundo de hoje é produto do que aconteceu entre um quarto de século, entre 1898 – que é a Guerra Hispano-americana, e 1922/1923 que é a proclamação da União Soviética". No meio desse período acontece uma série de guerras, surge a Primeira Guerra Mundial, e nesse momento se define a situação da América Latina, porque temos a Revolução Mexicana em 1910, e temos uma situação na qual dentro do chamado sistema imperialista, a América Latina ocupa uma posição que nesse debate clássico sobre o imperialismo não foi objeto de debate, foi objeto de observação estimada de Lenin, que comparou a situação da Argentina com a de Portugal, no famoso texto *Imperialismo, etapa superior do capitalismo*, e chamou de país independente do ponto de vista formal, mas dependente do ponto de vista diplomático e financeiro, ou seja, países oprimidos pelo imperialismo, embora fossem países independentes.

O que fez o imperialismo? Colonizou três quartos do planeta que eram independentes: Ásia, África, Oceania - que era parte do império inglês, etc., os países pequenos da Europa - que dependiam dos grandes impérios europeus -, os Estados Unidos e a América Latina, que era independentes, mas eram parte da corrente dos países oprimidos pelo imperialismo. Essa foi a especificidade histórica da América Latina no século XX. Nós temos mais debates sobre a história da América Latina em todo esse período, logicamente, mas não temos um debate de conjuntura que fale precisamente o lugar da América Latina nos anos-chave entre 1875 e a Primeira Guerra Mundial, em que se forma e se define o sistema imperialista, que vai condicionar toda a história da América Latina até o presente. Essa também é uma tarefa pendente. Por quê? Porque nos preocupamos com



trabalhos e pesquisas sobre história do Brasil, da Argentina, Peru, Bolívia..., mas muito trabalhos parciais, alguns superinteressantes, e ultimamente já foram para o diabo, certo? Praticamente toda a história do Brasil se resume ao massacre dos povos indígenas e à escravidão. Tudo bem, houve o massacre dos povos indígenas e houve escravidão, mas o massacre dos povos indígenas e a escravidão que são pré-imperialistas se reformulam no sistema imperialista.

Agora, o problema consiste em estarmos no meio de uma situação em que há uma fragmentação do debate teórico, e um debate geral da América Latina nesses termos não é bem-visto na academia. E em segundo lugar, qualquer debate que relativiza as supressões de gênero, as supressões étnicas etc., e as insira em um contexto maior, é considerado um sacrilégio. E se você colocar alguma questão que tente expressar como essas opressões macros, que foram o extermínio indígena e a escravidão, foram reformuladas pelo sistema capitalista, e especificamente pelo sistema capitalista na sua fase imperialista, acontece como aconteceu recentemente ao Mario Maestri, que tentou de maneira trabalhosa fazer essa questão num artigo e imediatamente foi acusado literalmente de ser um racista por representantes dos movimentos negros, mesmo que ele não tenha lançado uma acusação de teor semelhante contra os seus adversários que defenderam o ponto de vista oposto. Então estamos em um momento difícil de desenvolver essa questão. Por outro lado, a esquerda concilia com tudo isso, e veja que não estou dizendo que a situação não seja dramática, do ponto de vista identitário.

Havia socialistas que falavam que o colonialismo em si não era ruim, e foram derrotados no interior da Internacional Socialista. Porém, foram derrotados por uma margem muito apertada, e quando Lenin teve que criticar tal posição que aceitava parte do argumento de que Holanda, França, Inglaterra e Alemanha estavam levando a civilização aos atrasados, Lenin qualificou esse ponto de vista 'monstruoso'. O problema consiste no seguinte, o debate emocional colocado à esquerda não tem que arredar o pé do seu ponto de vista histórico, mas se faz extremamente difícil colocar um debate totalmente claro sobre todas essas questões. Isso diz respeito, inclusive, sobre a história da América Latina.

Então nós temos tido nos últimos tempos, por exemplo, um debate sobre a resistência anti-imperialista na América Latina, e há episódios como a Revolução Cubana, a Venezuela de Chávez e depois de Maduro, a ascensão de Evo Morales na Bolívia etc. Eu trouxe Evo Morales para a USP,



quando ninguém sabia que ele era Evo Morales, porque ele estava na oposição. Ele deu uma palestra, havia 15 pessoas, me perguntaram: "Por que você trouxe esse índio?", eu respondi: "Esse índio vai ser o futuro presidente da Bolívia". E quando Evo Morales ganhou as eleições, os jornais do Brasil queriam um pequeno artigo meu sobre esse assunto porque não sabiam a importância que ele tinha, e eu fiz um artigo grande que ocupou uma página inteira, e o Jornal do Brasil o publicou, e eu disse o seguinte: "Agora Evo Morales vai ter que nacionalizar a Petrobrás porque senão não terá dinheiro para governar esse país, porque o orçamento da Bolívia é menor que o orçamento da USP. Então se você quer governar o país vai ter que nacionalizar." Pouco tempo depois, as tropas nacionais bolivianas ocupavam a Petrobras na Bolívia. Tudo isso foi excessivo, primeiro não deram a menor bola para Evo Morales, mesmo quando o trouxe para a USP, e não que eu estivesse de acordo com Evo Morales, mas queria trazer o debate de que está para acontecer algo grande, e ninguém me deu bola. Depois todos viraram o "Evo Morales, o primeiro indígena que governa na América Latina", o que demonstra que são todos burros e não sabem de história, quem foi Benito Soares, do México, na década de 1860? Era um índio puro, *nawata*, que governou o México fuzilando o imperador Maximiliano que era primo de Napoleão III, pelo amor de Deus! Na própria Bolívia, quem era o General Juan José Torres que governou a Bolívia na era da sangria popular, em 1971? Era um índio! Agora, me vem uma pessoa qualquer e fala: "primeiro índio a governar na América Latina, os índios estão surgindo. Despertaram de seu letargo depois de quatro séculos". Pelo amor de Deus! Eu nunca escutei tanta burrice junta. Os índios não ficaram calados em quatro séculos, pessoas de origem indígena governaram países, governaram a Bolívia, governaram o México, e o movimento de Evo Morales foi o resultado de uma série de coisas que eu tentei explicar, mas não se importaram. O que pensa a esquerda brasileira da história da Bolívia? Que chegaram os brancos em 1500, passaram a governar durante cinco séculos e vinte anos até que chegou Evo Morales e ganhou as eleições. É isso que pensa a esquerda brasileira sobre a história da Bolívia. É um insulto à inteligência humana, e uma ignorância sublime. E o pior é que esse tipo de besteira é propagado na forma de slogans que não tem pé nem cabeça, "primeiro índio na América Latina"... pelo amor de Deus!

Então estamos em um ponto muito baixo. Você está me colocando a América Latina e tudo mais, mas nós temos que repensar a América Latina, em função disso que acabei de dizer. A América Latina faz parte da corrente



mundial imperialista, com exceção de Guadalupe, Martinica e Cuba, que se tornaram independentes graças à uma intervenção imperialista dos Estados Unidos. Das sobrevivências coloniais, a América Latina era politicamente independente, então ela teve a peculiaridade de dentro da corrente imperialista mundial ser um continente que era politicamente independente, mas oprimido, que fazia parte dessa divisão do mundo entre países opressores e oprimidos. O que colocava Lenin como elemento teórico decisivo no imperialismo é fazer parte dos países oprimidos. Entretanto, dentro dos países oprimidos, a América Latina e China eram os únicos países politicamente independentes. China até certo ponto, porque tinha sua costa, em grande parte, colonizada pelos antigos enclaves extraterritoriais: a ilha de Hong Kong (que pertencia à Inglaterra), a de Macau (que pertencia à Portugal), e outros enclaves extraterritoriais de alemães e franceses, e etc. O que dá caldo para um debate teórico sobre o lugar da América Latina no imperialismo contemporâneo e o lugar que deveria ocupar a especificidade latino-americana sobre a teoria, a teoria do imperialismo. E com base nisso devemos repensar a América Latina, porque sem considerar seu lugar nesse sistema mundial, a história da América Latina não se entende. É uma coletânea de anedotas mal contadas e às vezes mentirosas, como essa idiotice de que Evo Morales é o primeiro indígena que ocupa um governo na América Latina. O que é um insulto à memória dos mexicanos que deram o seu sangue para expulsar o invasor francês, e colocaram Benito Soares, tão índio quanto Evo Morales, no governo. Além do mais, não sabiam que a ascensão de Evo Morales se pronunciou em combate a um líder absolutamente indigenista que era Felipe Quispe, que morreu há pouco tempo, que era *Quechua*, enquanto Evo Morales é *Aimará*. Porque por outro lado inventaram uma categoria imperialista, o índio. O índio é uma categoria imperialista, porque aqui não havia índios, índios são da Índia. Foi essa a maneira que os europeus designaram comumente todos os habitantes da América, por ignorância, por pensarem que estavam indo em direção às Índias. Aqui havia um conjunto de civilizações que eram absolutamente heterogêneas, cuja história não se concluiu com a colonização espanhola, portuguesa, inglesa e francesa. Logicamente que constituiu uma ruptura dessas civilizações, mas não as anula, essa história continuou, durante os 400 anos da colonização ibérica, francesa etc. Tudo isso está para ser feito, isso é a história da América.

Agora em geral, da história da América Latina, nos últimos anos, nós temos nos ocupado cada vez mais de temas intranscendentes, e que se pode



entender não apenas levando em conta todos esses elementos, mas articulando a história da América Latina com a história mundial a partir de investimentos externos dos ingleses, franceses, italianos e finalmente, por investimentos norte-americanos. Porque o imperialismo norte-americano foi um imperialismo tardio, seu quintal financeiro foi a América Latina, mas não foram eles que a colonizaram e nem poderiam terem o feito, porque eram uma potência anticolonial, não queriam colônias, e quando fizeram a Guerra Hispano-americana, meteram Filipinas, Porto Rico, Guadalupe e Cuba no bolso. Mas não ocuparam nenhum desses países. Ocuparam Nicarágua, ocuparam Honduras, ocuparam o Haiti, mas não colonizaram. Ocuparam as Filipinas militarmente, mas os mantiveram como países independentes, porque, em primeiro lugar, a constituição norte americana é anticolonialista, pois os Estados Unidos é uma ex-colônia, e segundo lugar, o imperialismo norte-americano era para Lenin um imperialismo que não precisa violar a independência política porque prefere colonizar economicamente, até porque isso é mais barato. Hobson dizia que a Índia era uma colônia que não servia para nada, que só servia para matar soldados ingleses e gastar dinheiro para manter uma administração colonial. E Hobson propunha que a Inglaterra fosse embora da Índia, mas não porque ele era anti-imperialista e anticapitalista, ele era um liberal. E o que ele estava propondo em 1901, pois o livro foi publicado em 1902, é o que Lenin teorizou, o imperialismo inglês pode dominar a Índia sem ocupá-la, mas a Índia está ocupada. Qual é esse debate? É o debate do Schumpeter: por que a Inglaterra ainda era parte feudal e porque essa sobrevivência colonial não foi estúpida, serviu para que na Grande Depressão iniciada aproximadamente em 1875, quando se evidenciou que sobravam capitais e sobrava gente nos países capitalistas, se produziu o maior movimento migratório da história mundial, que foi a migração europeia entre colônias, ou seja, a migração francesa em direção às colônias francesas, a migração inglesa em direção às colônias inglesas, e etc. Os ingleses iam para a Índia, os belgas para o Congo Belga, os franceses para o Congo Francês. Trabalhando em que? Como se dizia na época, você vai para o Congo trabalhar de homem branco, pois era um pé-rapado na metrópole (ainda por cima desempregado pela crise), e chegavam na colônia era Deus, porque era branco. Eu nunca vi um defensor mais violento e ávido da colonização francesa no Congo do que o pai de uma namorada minha (que era francesa – de quando eu morei na França), que era encanador na França, mas que tinha morado no Congo, e lá ele era um grande senhor. Só que o Congo se emancipou, então ele teve que fugir com a filha para a



França e voltar a ser encanador. Então essa sobrevivência pré-capitalista teve um papel capitalista muito importante, e Hobson pontuou no seu livro *O Imperialismo*. Graças às colônias, a Inglaterra evitou uma revolução social, pois quando foi afetada pela Grande Depressão das últimas décadas do século XIX, o movimento operário inglês era tão forte que provavelmente teria havido uma revolução da Inglaterra, mas a Inglaterra vomitou milhões de ingleses desempregados para o seu império colonial, assim, descomprimiu a bomba revolucionária que havia no país. E vieram para o Brasil, fizeram as estradas de ferro, inventaram o futebol, como o Charles Miller. Agora falam do Charles Miller como um cara que veio com uma bola. Que começou a jogar bola, os brasileiros gostaram e então chegamos no Pelé.

Agora veja o fenômeno de Charles Miller e seu pai, que veio construir a estrada de ferro, como importante do ponto de vista do futebol, tudo bem, mas expressam um fenômeno um pouquinho mais importante do que a invenção do futebol, pelo amor de Deus. Eu gosto de futebol, eu joguei futebol, não estou falando que sou inimigo do futebol. Mas o que temos é uma esquerda que diz "vamos para a história do cotidiano". O que importa Charles Miller? Charles Miller importa como o inventor do futebol que afeta o cotidiano dos brasileiros. Meu Deus. Tudo bem, vamos fazer o estudo do cotidiano, mas esse cotidiano numa coisa mais ampla. Charles Miller veio ao Brasil como parte de um fenômeno mundial que teve uma importância extraordinária que foi a grande imigração do final do século XIX e início do XX, que foi a maneira em que o mundo evitou uma revolução social nas condições da primeira grande crise capitalista mundial. Agora, para isso tem que ter uma bússola. E não estou dizendo que tenha que ser uma bússola marxista. Tem que ter uma bússola em que você diga "isso é parte de uma estrutura, portanto tem que existir uma teoria a respeito". Sem teoria eu não vou entender esse fenômeno sem ver a sua estrutura. Mas atualmente isso está desprezado. Nós temos tudo para fazer isso, mas temos uma história que se esgota em assuntos cada vez menores, e que não vê que a grande floresta da história do Brasil e da América Latina ainda permanece desconhecida. Só que de tempos em tempos ela aparece. Aparece quando o índio na Bolívia de repente ameaça vencer as eleições. Antes que ameaçasse vencer as eleições eu o trouxe na USP, mas ninguém deu bola. Por quê? Porque não veem a floresta, vem as árvores. O que vai fazer um índio aqui? No auditório Fernand Braudel?



Bom, ele tomou cafezinho no bar da História-USP. Ninguém se lembra. Depois foi presidente da Bolívia e todo mundo começou a falar: “Evo Morales, Evo Morales”. Mas quando estive por aqui, nem para cumprimentarem. Veio como acadêmico, eu conservei o cartaz e está como Evo Morales e outros nomes. Ele quis falar com o Lula, porque Lula era o candidato (ainda não tinha vencido as eleições). Eu transmiti ao PT e o Lula nem se deu por inteirado. Depois teve que se abraçar com Morales na fotografia. Lula nem ficou sabendo que Evo Morales queria falar com ele. Porque Lula nem sabia quem era Evo Morales. Então a floresta reaparece e nos obriga a repensar a história.

Nós estamos em um momento de crise, e o momento de crise eu espero que seja extremamente criativo. A criação vai vir, não de se ocupar da micro história (e eu não tenho nada contra a micro história), mas é repensar que: pensar história sem pensar em teoria e estrutura, torna o sujeito, o tema, o objeto, a história, sem sentido. Mesma coisa eu olho para a economia. E na verdade eu não estou desrespeitando as visões acadêmicas, porque história e economia são maneiras de se organizar institucionalmente o conhecimento. Porque história sem economia não existe e economia sem história não existe. Se fosse uma faculdade só, eu não veria nenhum problema nisso. Mas já está dividida no Brasil e no mundo e tudo bem, vamos continuar dessa maneira. Então é isso que eu penso. É quase um desabafo, mas é um desabafo em que estou colocando as coisas que valem a pena colocar.

Não devemos nos esquecer que, se você falar em imperialismo hoje na América Latina e no Brasil em particular você é visto como um dinossauro. Tudo bem, eu respeito muito os dinossauros. Eu sou Jurassic Park. Houve nesse mundo os dinossauros, o que demonstrou o sucesso do filme Jurassic Park. Então, portanto, o restante não podemos ignorá-los. Vamos abrir uma discussão profunda, para que os grandes temas que permitam pensar a estrutura e a teoria da América Latina voltem a estar presentes em primeiro plano na academia, mas para isso será necessário um esforço de caráter político. E esse esforço não é só acadêmico, também é extra-acadêmico, porque passa pela reconstrução de uma esquerda revolucionária. E cuidado que eu não estou dizendo marxista, uma esquerda revolucionária significa que se coloca o horizonte da revolução e que pensa em consequência, e se coloca dessa forma, essa esquerda vai terminar sendo marxista. Mas para que seja marxista primeiro é necessário que seja revolucionário. Porque se é marxista para pensar o significado subliminar



psicanalítico da teoria do fetiche da mercadoria a partir da relação do Marx com a senhora sua mãe, tudo bem, aí pode ser marxista o tempo que quiser, vocês não servem para nada. Eu tenho visto teóricos absolutamente atrozés sobre Marx, porque como querem investigar sobre Marx o que não dá para investigar mais, chegam a conclusões absolutamente atrozés. Sorte que estamos chegando ao fim. Algumas já estão superadas, como aquela que Marx no fundo sempre foi um judeu e que atribuiu ao proletariado o papel que os judeus atribuem ao Messias, coisas desse tipo e por aí vai. Como quem diz: o papel branco aceita qualquer coisa que você escreva nele. Claro que Marx era de origem judaica, mas nunca recebeu educação judaica, porque seu pai era convertido ao protestantismo e a maneira em que ele falava da questão judaica não era uma maneira habitual de falar dos judeus na época. Simplesmente não provocou nenhum escândalo porque muita gente, inclusive judeus, falavam nesses termos. Então falar que a questão judaica é uma evidência da rejeição inconsciente de Marx ao seu pai e sua mãe, por causa de seu abandono do judaísmo, pelo amor de Deus! Ficamos por aí. Eu tenho lido textos absurdos sobre Marx. Então não tenha tanta preocupação com ser marxista.

Em primeiro lugar, para ser marxista a primeira coisa que deve ser feito é reproduzir a trajetória de Marx. Como ele se tornou marxista? Tornou-se marxista pelo seguinte: era um revolucionário radical antes de se tornar marxista que disse: "sem teoria esta revolução radical não vai para lugar nenhum". E tentando pensar a teoria que desse fundamento a uma revolução radical que ele sentia pelos poros, ele inventou o marxismo e deu forma ao marxismo. Me lembro de uma carta de Marx, não a Engels, mas a outra pessoa, que ele cobrava: "por que você não vem aqui fazer isso e aquilo?", e Marx respondeu: "Eu estou tentando dar uma contribuição que permita que o nosso movimento não avance às cegas". E desse modo que ele justificou ficar um pouco afastado dos acontecimentos para escrever *O Capital*. Mas ele nunca se afastou por completo dos acontecimentos. Bom, mas agora tem um monte de gente que diz: "se você quer contribuir teoricamente, a única maneira é se manter completamente afastado dos acontecimentos". E não provoca nenhum tipo de escândalo. Sábia conclusão. Marx escreveu *O Capital* não se afastando dos acontecimentos. Agora para escrever uma merdinha, sobre uma nota de pé de página de *O Capital*, um sujeito tem que se manter completamente afastado dos acontecimentos?! Assim não, cara!



[Fábio Campos] Professor, gostaria de pegar um gancho de sua fala, que entendo ser importante, sobre a questão da teoria, “teorizar sobre o concreto”. Ao mesmo tempo cabe introduzir um tema que é caro também para o debate do imperialismo, e para nós como um todo, um debate que desafia a própria teorização, por ser uma manifestação histórica, presente em diversos momentos do capitalismo, que o senhor de certa forma já abordou em várias ocasiões, que é o tema da “crise” no capitalismo. É um tema que aparece, como sabemos, no Marx, buscando tratar tal questão como algo endógeno do modo de reprodução capitalista. Por meio da crise é que se criam contradições e “novas soluções” para a reprodução ampliada do capital. Lenin, e outros autores do debate clássico, num período depois, também interpretam a barbárie, as contradições imperialistas que culminam na Primeira Guerra Mundial, como uma crise do sistema. O próprio Lenin utiliza a expressão “putrefação” do sistema, e dá prova empírica do fim de qualquer traço progressista, civilizatório. Algo que de certa, os próprios Marx e Engels já viam no século XIX. Então, este seria o grande momento que antecede a grande crise do capitalismo, que é a “Crise de 29”. Um terceiro, e este faz eco agora, é a crise dos anos 1970, do século XX, que redefiniu o padrão mundial de acumulação. Alguns vão chamar de mundialização financeira (Chesnais), já autores importantes como o filósofo húngaro István Mészáros, que vai, até sua morte, denominar este período como “crise estrutural do capital”. O próprio Mandel tem um trabalho sobre crise discutindo este período. Em suma, essa manifestação histórica que se chama crise – há muita dificuldade de teorizar sobre crise – como o senhor analisa as mutações dessa crise? E em sua visão, ela mudou a natureza no momento mais recente que estamos vivendo, ou continua nos termos que Marx definiu?

Sobre isso que você acaba de dizer, eu vou dar um curso de pós-graduação, aceitei a proposta: vão ser 12 aulas. Mas não vou falar 12 aulas aqui, porque é um pouco grande para uma entrevista. Mas vou dizer o seguinte: é óbvio que cada crise tem suas especificidades, uma é diferente da outra. O ponto de vista marxista é que a crise tem a mesma raiz embora se manifeste de formas diferentes, isto porque para a teoria marxista acerca das crises, a crise é um fenômeno que acompanha o capitalismo devido à anarquia da produção. Portanto, há superprodução de mercadoria e de capitais, fazendo com que o capital se veja obrigado a queimar uma parte



das forças produtivas que ele próprio criou. Entretanto, a crise se produz cada vez em condições diferentes. Uma coisa é a crise de 1847; outra a de 1857; outra é a de 1873-75; outra a de 1890; outra a de 1907, o grande pânico nos EUA; outra a de 1929, e assim por diante. Se não tivermos uma caracterização comum destas crises pretéritas, não teremos nenhuma ideia da especificidade da crise dos anos de 1970 e das crises que a sucederam. Essa história do capitalismo é um ponto polêmico, não foi resolvida nem sequer pelos marxistas, nem sequer pelos marxistas mais inteligentes.

Mas aí que vale a pena a teoria dos Ciclos Longos de Kondratiev, porque prevê superciclos do capitalismo, que na verdade foi antecipada por dois autores, muito inteligentes: um holandês chamado Van Gelderen; e um russo, chamado Parvus, que foi um dos pais ideológicos de Trotsky, e que se chamava Gelfand. Eles anteciparam essa questão dos ciclos longos. Trotsky, por sua vez, era contrário à teoria dos ciclos longos, mas atenção, qualificava de apressado, dizia: Temos que abrir um debate a respeito. O problema é que esse debate foi abortado, porque Kondratiev foi assassinado por Stalin, assim como Trotsky. Portanto, trata-se de uma história política, o debate sobre o capitalismo e suas crises. O problema consiste no seguinte, e vou citar Marx textualmente: "Não existe crise permanente, o que existe são crises periódicas em permanência". Portanto, o capitalismo é um sistema que respira, ou seja, que tem fluxos e refluxos, por um lado. Por outro lado, o capitalismo tem uma História, ou seja, tem nascimento, infância, juventude, desenvolvimento, senilidade, ou velhice, e uma tendência, como Marx bem esclareceu no volume III de *O Capital*, em direção à sua autodissolução em virtude das leis que o governam. É a partir disso que temos que pensar a atual crise.

Há muito que discutir, mas vamos ao segundo elemento metodológico, que é o máximo que consigo chegar. Diante de suas crises, o capitalismo se reformula. Para quê? Para sobreviver. Não se reformula a partir de convenções capitalistas que chegam a um consenso sobre qual deve ser a reformulação. Reformula-se a partir de políticas que são impostas numa guerra entre os próprios capitalistas e seus Estados. Poderia se dizer que, hoje, o FMI, o Banco Mundial, OMC, e os outros 192 organismos de regulação do capitalismo que existem, são essa imagem caricatural a qual me referi quando disse que não há uma convenção de capitalista para debater. Eu diria que o que existe agora é algo parecido, mas não é uma verdade, porque esses organismos são teatros de disputas sangrentas entre os capitalistas. Sangrentas, porque o capitalismo continua sendo um sistema



cego: produz em função da necessidade orgânica de auto expansão do capital, e não porque tenta produzir de forma regulada fazendo pesquisas de mercado etc. Em última instância, sua tendência fundamental se impõe. Então, a atual financeirização do capital – eu editei o livro de Chesnais, eu o conheci em 1972, quando ele se chamava Mark e era o delegado de uma organização trotskista para a América Latina. Eu o conheci em um congresso sindical na Argentina, eu era um moleque de 20 anos e ele era Mark, dirigente trotskista. Por isso sempre mantive uma relação com ele, e quando ele publicou seu livro e teve sucesso, eu o trouxe para uma editora que praticamente não existia, que era a Editora Xamã, onde eu tinha publicado alguns livros meus. Eu o convenci por telefone que não publicasse numa grande editora, mas que publicasse nessa editora pequena, porque dessa maneira ele estava contribuindo com a esquerda brasileira. Ele assim aceitou. Mas estou de acordo com a crítica que se faz à mundialização do capital no sentido de que toda sua teoria se constrói com base na esfera da circulação de capital. Embora ele reverencie a teoria marxista dizendo que tudo que corre pela finança se origina na mais-valia produzida no chão da fábrica, isso depois não aparece na sua análise. É um chapéu tirado na sua origem marxista, mas termina nisso. Mézáros é outra história com a crise estrutural do capital. Porque a crise estrutural suporia que hoje temos, diferente do passado, uma crise estrutural do capital. Isso quer dizer que as crises anteriores não foram estruturais? Foram conjunturais? Porque o contrário a estrutura é conjuntura. Enfim, não vou dar a solução para esses problemas colocados por Chesnais e por Mézáros, e outros autores – não falemos de outros porque são muito menos interessantes que esses dois, que são realmente interessantes – porque eu mesmo não tenho a solução. Estou tentando escrever sobre esses assuntos em um trabalho geral sobre a história do capitalismo.

Mas, há um aspecto da crise, que é a tendência do capital a, de maneira relativamente cega e através de violentas lutas internas, que atualmente se expressa na concorrência entre EUA e China, ou de Rússia de um lado e União Europeia de outro, esses não são convidados de pedra, são participantes ativos e com fortes cartas na manga e na mão; por exemplo, a Rússia tem um arsenal atômico que pode destruir a Terra, se for necessário, possuir uma capacidade, que alguns demonstram, de o capital ser capaz de se adaptar a suas próprias dificuldades. Eu li um artigo recente sobre Marx, muito erudito, dizendo o seguinte: “Marx errou, ele estava certo em tudo, menos em uma coisa, a ideia de que o capitalismo vai desaparecer. Porque o



capitalismo tem demonstrado uma capacidade infinita de se adaptar a suas próprias dificuldades. 160 anos depois da publicação de *O Capital*, o capitalismo é mais adaptável do que Marx tinha previsto”. Primeiro comentário: Marx não tinha previsto absolutamente nada: não disse “vai acabar nos próximos 20 anos”, o que ele disse: “estas são as leis fundamentais que governam”, a partir de aqui se abre um período de transição, mas não disse nada a respeito de quanto vai durar. Portanto, tal texto não tem pé nem cabeça. Segundo lugar, essas ideias de que o capitalismo tem capacidade infinita de se adaptar, são teorias que têm uma origem política, econômica e de classe, porque significa mais ou menos o seguinte: “Cara, eu estou de acordo com Marx, mas o capitalismo é eterno, a única coisa que nos resta fazer é o estudar para ver as astúcias que ele usa para se adaptar, portanto, militar contra o capitalismo é inútil. A tarefa é: meter-se na academia, conseguir quantas bolsas Fapesp ou CNPq forem possíveis, viajar pelo mundo, passar bem e explicar ao mundo como o capitalismo é infinito e eterno”.

Os marxistas autênticos e revolucionários viam essa capacidade de adaptação do capitalismo, o primeiro a fazer isso foi Marx, quando começou a analisar o papel dos EUA e a repercussão de que os EUA eram uma tábua de salvação para o capitalismo europeu. Portanto, isso nunca foi alheio às preocupações dos marxistas, a começar pelo próprio Marx, sem falar de Engels e seus textos acerca do papel da bolsa de valores no colonialismo, embora Engels não tivesse uma teoria do imperialismo, em que indica como o novo colonialismo era diferente do precedente, porque o precedente era a serviço do Estado – uma fórmula que Engels não quis formular, fez de passagem, mas que é perfeita. O velho colonialismo estava a serviço dos Estados Absolutistas, o novo colonialismo está a serviço da bolsa de valores, nisso que consiste o imperialismo capitalista, Engels resolveu o “x” da questão em uma frase. E nós temos a sobrevivência do Imperialismo e tudo mais. Repito, os marxistas não se limitaram a constatar a capacidade ou a tentativa de adaptação do capitalismo às condições criadas por sua própria crise. Eles viam ao mesmo tempo as possibilidades revolucionárias que as crises abriam e como elas poderiam ser capitalizadas para superar o capitalismo. Na maioria das reflexões, super eruditas, sem pé nem cabeça, sobre a crise do capitalismo, há a ausência de uma segunda dimensão do problema, uma dimensão básica para os marxistas, a saber: um componente das crises é a rebelião das forças produtivas, ou seja, da classe trabalhadora contra as condições que criam a crise e que criam a própria opressão e



exploração dos trabalhadores. Isto é um elemento sem o qual a análise da crise fica incompleta e fica sendo uma análise unilateral, somente vendo como o capitalismo se adapta, se regula etc. e etc. É uma visão parcial, e seu exemplo máximo é *Regulação e crise do capitalismo* de Michel Aglietta, em que um funcionário do Estado francês com uma educação marxista se dedica durante todo o livro a explicar como o capitalismo não cai, e não há como o capitalismo cair. O livro é ruim? Não! O livro é bom, tem um monte de coisas interessantes. Está certo ou está errado? Está 100% errado, o que não significa que não deve ser levado em conta. Quem inaugurou esta safra foi Kautsky, com sua teoria do ultraimperialismo, ou seja, de que os monopólios poderiam chegar a tal domínio do sistema produtivo que poderiam governar o mundo sem crises e sem guerras, pondo-se em acordo entre eles. Lenin atacou violentamente a teoria do ultraimperialismo de Kautsky, por isso voltamos à primeira pergunta: não há balanço desses debates e, se houvesse um balanço desses debates e de o que eles deixaram, teríamos uma visão muito mais clara do mundo de hoje, e não teríamos que bancar tantos *papers* que falam exclusivamente da adaptação do capitalismo à sua própria crise sem pensar toda uma série de acontecimentos políticos – que obviamente têm repercussões econômicas.

Que diabos é a ascensão da China como tábua de salvação do capitalismo? Este sim é um fenômeno inteiramente novo. O capitalismo tem que apostar, para se salvar, em uma entidade estatal e um sistema econômico nacional, o chinês, que foi criado por uma revolução social. Porque se não houvesse a revolução de 1949, para começo de conversa, a China não existiria, existiriam provavelmente 25 países. 25 Casaquistões ou 25 Azerbaijões, que não serviriam como tábua de salvação do capitalismo, nem como principal teatro de acumulação de capital e de reprodução ampliada, como é atualmente na China. Mas tem seus limites. A principal imobiliária da China, que construiu um milhão de imóveis, Evergrande, acaba de ir à falência. Isto é um desmentido aos que falam que com a China o capitalismo se salvou para daqui uns três séculos, e que a China é um capitalismo com regulação estatal, que impede que haja crise de superprodução. Vai ver a China! Vai ver na China se não há crise.

Os temas se tornaram mais abrangentes, mais complexos também, mas não teoricamente mais complexos, teoricamente continua sendo semelhantes. O problema é que o que analisaram Marx, Engels e outros autores, fizeram com base no que acontecia, no que tinham diante dos olhos, na Europa e em parte do que acontecia nos EUA. Hoje o teatro é



mundial, e mundial direto. Em 1997 houve uma crise na Tailândia, poucos dias depois a Bovespa perdia não sei quantos pontos, porque tal crise era o início da crise asiática. Quem teria pensado em 1920 que uma crise na Tailândia poderia afetar o Brasil. Em primeiro lugar nem existia Tailândia, era uma colônia chamada Sião, e o que acontecia na região o Brasil nem tomava conhecimento, nem embaixador havia. Hoje, temos uma crise na Tailândia e repercute no mundo inteiro. A crise da Evergrande, vai ter repercussão no Planeta Terra. E essa repercussão vai abrir problemas novos, os quais o capitalismo tenta se adaptar, se adapta na prática, criando um desemprego estrutural enorme, fantástico. Inventam o Bolsa Família, ou Planes Sociales na Argentina, porque ou faz isso, ou vira o caos. As pessoas saem nas ruas e começam a saquear supermercados. A recomendação do Banco Mundial é que se tire uma parte dos lucros para gerir fundos públicos que lhes permitam bancar milhões que estão desempregados e não têm o que comer. Até quando vai durar isso? Ninguém sabe. Surgem novos movimentos sociais como se fala e dizem: “isto é inteiramente novo”. Não é inteiramente novo! Que sejam, Piqueteros na Argentina, o MTST no Brasil etc. Claro que são movimentos novos, em sua feição são novos, mas se inserem ou não se inserem na luta de classes objetivamente considerada? Essa é a questão. Que debate nós temos a respeito dessa questão? Na esquerda? Nada! Porque a esquerda vê atualmente os movimentos de oposição, o *status quo*, como uma soma de pequenos movimentos: identitários, ONGs (para gerir o Bolsa Família), MTST (para ocupar casas e prédios). Evidentemente que a questão política é dura, porque atualmente é isso que ocupa o primeiro plano na esquerda. A esquerda está pensando em uma candidatura. Quem pensa uma candidatura alternativa à política de conciliação do PT e de Lula? Boulos. Por que Boulos é um operário que está à esquerda de Lula – que é um operário domesticado, ou melhor, uma pessoa de origem operária politicamente domesticada? Não, pensa em Boulos porque é o representante de um novo movimento social, o MTST. Essas são as condições em que temos que trabalhar. Há pessoas que se colocam estes problemas, eu sei que há, a esquerda não é somente isso que eu acabo de mencionar, e estes debates são atualmente minoritários. Mas não tem importância que sejam minoritários, Marx era minoritário, Lenin era minoritário, Trotsky era minoritário. Trotsky se colocou este problema e um dia disse: “se um movimento não é minoritário, não é revolucionário – porque as grandes revoluções sempre surgiram de minorias – porque um pensamento que não é minoritário, não é revolucionário”. Disse isso em polêmica contra uma



revista norte-americana que lhe reprendia que a IV Internacional era minoritária. “Lógico que é minoritária, porque é revolucionária”. E deu um exemplo que foi fantástico, para que se veja que Trotsky não era sectário: “Quero lhe lembrar um minoritário, chama-se Jesus Cristo. Fez uma seita de 12, vejam o resultado”. Segundo dizem, o crucificaram, ninguém sabe. Pior que Trotsky, porque Trotsky pelo menos foi só uma marretada, nesse foi marretada para todo lado. Mas vejam, o mundo mudou para sempre.

Vejam que eu não quero pôr a coroa de espinho de Jesus Cristo na cabeça de ninguém. A primeira questão é a modéstia, não se pensar “eu vou salvar o mundo com a minha ideia”. Marx, em sua primeira versão, chamou de a “contribuição à crítica da economia política”, não estava dizendo sobre a “verdade” da crítica da economia política. Disse: “eu vou contribuir”. Neste debate que estamos tendo aqui, eu vou dar a minha contribuição. É o que os revolucionários têm que fazer hoje. Intervir no debate, não dizendo: “eu sou o dono da verdade”, senão dizendo “esta é a minha posição, a minha contribuição ao debate”. Como tenho fé no gênero humano, eu sei que o debate vai avançar até fazermos chegar a uma conclusão de natureza revolucionária. Porque os revolucionários sabem que não são os donos da verdade, sempre! Marx não inventou a fórmula da ditadura do proletariado, ela foi cunhada pelos revolucionários franceses de 1848, e Marx a tomou deles, porque era modesto, disse: “os caras me ensinaram”. Quando veio a Comuna de Paris, disse: “isto que os operários franceses fizeram é a fórmula enfim encontrada da ditadura do proletariado”. Ele poderia ter acrescentado: “fórmula que eu não tinha, e os comunistas me ensinaram como que é. Eu não sabia. Bravo, operários de Paris, que me ensinaram como é isso que eu tinha formulado teoricamente, mas na verdade não sabia como seria, e vocês me ensinaram como é”. Tem que suprimir o exército permanente, a polícia permanente, tem que fazer a maximização comunista dos salários, enfim, todas as medidas que tomou a Comuna, que Marx tirou o chapéu, e defendeu num famoso texto chamado “A Guerra Civil na França”. Essa é a atitude que devem ter os revolucionários: não ter medo de ser minoritários e ser humildes e modestos em primeiríssimo lugar. Porque quem não é humilde e modesto não conquista o mundo. Cuidado que não estou propondo que um revolucionário conquiste o mundo. Não tem sucesso à escala histórica.

E neste ponto de vista, Marx foi bem-sucedido, por isso é feliz. Um livro de Hobsbawm, um autor que eu critico por muitas coisas – primeiro lugar porque nunca abandonou o stalinismo – chamado *Como mudar o*



mundo? ele começa comparando Marx, Maomé e Cristo. E pergunta: quais dos três foi mais bem sucedido? E responde: Marx, porque as teorias de Marx se difundiram e obtiveram vitória antes do que as de Maomé e as de Cristo. Levou menos tempo para Marx fazer sucesso, do que Maomé e Cristo. Pareceu uma comparação bastante feliz, por ser feita em escala histórica.

|Adilson Gennari| Ao mesmo tempo em que há um processo de derrota do movimento operário internacional, crise da União Soviética, e a ascensão do neoliberalismo como ideologia da burguesia em decadência, há uma grande transformação nas forças produtivas, que chamei de “grundrissização da sociedade” no último artigo que publicamos na Revista Fim do Mundo 5. Ou seja, voltando na referida obra de Marx, em que o autor discute como é possível uma grande transformação do capital ao mesmo tempo que a classe trabalhadora vai se tornando cada vez mais supérflua, na forma de uma espécie de operário em geral, que vai sendo assimilado pela produção nas vias do desenvolvimento tecnológico. Algo que pode gerar um processo de revolução nas forças produtivas e alguns autores, especialistas no mundo do trabalho, vêm discutindo no sentido da uberização. Ou seja, a criação pelo capital de uma massa de desempregados que vai reforçar ainda mais a derrota da classe operária. Como o senhor vê a possibilidade de contribuição dos Grundrisse de Marx para compreender a crise atual?

A pergunta do Adilson tem muitos pressupostos, e não há tempo para discutir todos eles. O que eu diria é que temos que ler os *Grundrisse*. O que Marx apontou no *O Capital* e nos *Grundrisse* são tendências, porque Marx é o grande teórico das tendências, ele diz como funciona e que tendências tem. Entretanto, ele não tem um prognóstico exato de como essas tendências irão se realizar, porque ele não sabe, ninguém sabe. Retomo o exemplo da ditadura do proletariado: como vai ser? Não sei, vamos ver. Depois disse: avançamos com a Comuna de Paris, e já despejou parte da questão. Agora vamos à questão: crise no movimento operário internacional. Se fosse para falar mais estritamente, eu diria que não há essa crise: literalmente o movimento operário internacional desapareceu, não existe. Porque, para que houvesse um movimento, deveria haver uma organização, e essa organização não existe. Mas ela está colocada, por isso todas as tendências políticas se organizam em função de uma tendência objetiva que é inelutável, a saber: que se organize o movimento operário



internacional. Como ele vai se organizar? Dizem: “agora não podem, porque há a *uberização* do trabalho”. E se o trabalho se *uberiza* por completo? Aí os *uberizados* vão criar os seus sindicatos, vão criar seus movimentos e vão fazer a revolução. Acabou!

Não há nada em Marx que diga que a revolução proletária será feita por operários concentrados em fábricas de 50 mil trabalhadores, trabalhando todos juntinhos, nunca Marx disse semelhante coisa, ele não sabia nada disso. Então nós vamos ter *uberização*? Claro, vamos ter formas cada vez mais agudas de exploração do trabalho, porque só existe uma maneira do capital sair das suas crises: aumentando a conta de mais-valia, e, portanto, aumentando a exploração do trabalho. De todos, dos *uberizados* e dos professores universitários, que por exemplo têm que pagar para ter seus artigos publicados em inglês. Para quem paga? Para empresas que transformam a concorrência dentro das universidades em elemento criador de lucro para o capital. Então, para criticar o capital, para publicar um artigo que tenha repercussão, tem que ser em uma revista de língua inglesa, e para que saia em uma revista de língua inglesa, tenho que pagar! E às vezes pagar caro. Eis que se cria um mecanismo de acumulação de capital oriundo da crítica acadêmica ao capital. Então temos que organizar os *uberizados*, os professores universitários precarizados e os professores universitários que querem publicar artigos em inglês, numa força única. O principal problema é político, porque estamos num mundo que é assim: nesse momento $\frac{3}{4}$ dos operários, que nunca foram tão numerosos no Planeta Terra – Marx nem teria suspeitado que se chegaria a tão grande número, estando concentrado na Ásia, particularmente dentro da China – e o principal obstáculo para a criação de um movimento operário internacional é o político e a cortina de ferro que o Partido Comunista Chinês cria entre o operário chinês e o restante do mundo. E o principal obstáculo político dentro da esquerda mundial é o apoio que se dá a esta política do PCCh. Porque todo mundo fala que “a China com seu planejamento evita as crises” e o neoliberalismo – ninguém sabe o que é isso, três ideias soltas, vai para a crise porque não segue a receita do PCCh que planeja, então na China não há crise: não acredite nisso! Na China se está restaurando o capitalismo e junto com o capitalismo se reinstaura a crise. E a esquerda em nome de dizer que na China não há crise, o que não é verdade, apoia o PCCh. Lula apoia o PCCh? Não, não apoia. Mas os que fazem de Lula a alternativa política para o Brasil, de Bolsonaro, sim apoiam o PCCh, é aí que está o câncer. Lula é o personagem de circunstâncias, o câncer está mais embaixo.



[Ivan Jacob] Para terminar, gostaríamos de uma leitura de conjuntura sua com uma avaliação do Brasil contemporâneo, a relação com a volta ou manutenção dos militares no poder. Como nossa situação atual relaciona-se com o imperialismo na sua fase atual.

Sobre Bolsonaro, ele é a conta regressiva. O país está contra Bolsonaro e ele continua tranqüilão, fazendo o que sua ignorância lhe permite fazer, que é praticamente nada. E se abre um grande debate: é neofascismo, é bonapartismo, é lumpencracia... Daqui a pouco vamos ter uma tese universitária: as caracterizações do bolsonarismo, material tem de sobra, o problema é que não há um movimento para derrubar Bolsonaro. Porque para se lançar a uma greve geral "Fora Bolsonaro", em primeiro lugar deveria haver lideranças importantes dispostas a lançar esse movimento, e elas não existem. Em segundo lugar, as bases não estão convencidas de que há uma alternativa, e se não estão convencidos não passam por cima de ninguém. A Revolução Russa foi feita com as massas passando por cima das direções majoritárias dos *soviets*, que eram o Mencheviques e os Socialistas Revolucionários, porque havia uma alternativa que era o Bolchevismo, que eram uma minoria nos *soviets*, até o congresso dos *soviets* pré-revolução, quando se tornaram pela primeira vez maioria relativa. Isto porque, diferente da esquerda que nós temos agora, tinha uma teoria. Sem teoria não há alternativa política. Isto foi exposto por Lenin em "*O que fazer?*" e em "*Imperialismo – fase superior do capitalismo*", e também por Trotsky, que se juntou aos bolcheviques nestas circunstâncias, em livros como *1905*, ou seja, porque havia uma teoria sólida que apontava uma opção política sólida e aparecia como uma coisa pela qual vale a pena se jogar: a saúde, a vida e o emprego. Agora, os operários brasileiros, da Volkswagen, da Ford, ou da fábrica que for, não vão fazer uma greve selvagem contra a direção da CUT só porque não gostam da política de direção da CUT, tem que haver uma alternativa política. A tarefa é criar esta alternativa. Mas para criar essa alternativa política, essa alternativa tem que ser também teórica, tem que haver uma teoria, ou seja, um programa que lhe dê um alicerce sólido. Sem isso não haverá teoria.

Portanto, a luta contra o bolsonarismo vai nos empurrar até outubro de 2022 e lá vamos ver no que vai dar. E como os militares vão jogar nessa história? Porque o Estado brasileiro nunca deixou de ser militarizado, o problema é que não vão querer deixar suas posições. No cenário político atual é muito provável que haja um candidato de oposição com grandes



chances de vencer em 2022, mas para que lhe deem um sinal verde vai ter que ter um acordo da Bolsa de Nova York com os militares brasileiros. Se Lula chegar a um acordo com os militares brasileiros que estão atualmente no governo de Bolsonaro e com a Bolsa de Nova York, bom eu acho que ele pode vencer as eleições, mas tem que chegar a um acordo, muito *clarito*. E não vai ser a Carta aos Brasileiros de 2002, vai ter que ser um documento um pouco mais pesado. Porque não vai se referir só a contrato, vai se referir a um monte de coisas muito pesadas: a dívida pública; os militares no governo, quantos cargos etc., etc.; ou seja, vai ter que mexer com muita coisa complicada. Na Carta aos Brasileiros foi genérico e bastou para vencer, agora, mesmo que Lula ganhe, não será a mesma coisa de 2003, vai ser algo muito mais crítico, e a esquerda vai ter que fazer o que não gosta de fazer, que é usar a cabeça. Porque usar a cabeça custa. Diante disso, uma alternativa não pode passar por isso, não se pode aceitar. Mas qual a alternativa? Para ter uma alternativa não vai bastar gritar uma palavra de ordem, vai ser necessário dizer: Queremos isto, mas vamos com este, este e este motivo, mas com uma perspectiva histórica. E o primeiro passo da perspectiva histórica é superar a perspectiva da revolução brasileira. A revolução brasileira é parte da revolução latino-americana, e a revolução latino-americana é parte da revolução mundial. Pensada como revolução brasileira, é um bom tema para bolsa do CNPq, mais nada. E agora ainda pior porque o CNPq vai cortar todas as bolsas, e vai ter que ser pensada de outra maneira. A Revolução Russa não foi pensada por Lenin e pelos bolcheviques como revolução da Rússia, falavam claramente: é o início da revolução mundial, porque nós não podemos construir uma sociedade socialista sobre a base das forças produtivas atrasadas da Rússia. Eram ainda mais explícitos, disseram que eram o prólogo da revolução da Alemanha. Essa era a grande esperança. Quando a revolução na Alemanha fracassou, os bolcheviques mais conscientes falaram: agora temos um problema. E não conseguiram resolver, lamentavelmente. Ou seja, a História não é grátis. Por isso mesmo, não adianta citar como papagaios Marx, Lenin ou Trotsky, porque eles não resolveram todos os problemas. Encontraram-se com problemas que eles não conseguiram resolver, e que se recoloca perante nós e nós vamos ter que resolver. Repito, para resolver problemas, a primeira tarefa é pensar com a cabeça, com a ajuda dos gigantes que nos precederam, mas não repetindo como papagaios as coisas que esses gigantes falaram. Sigamos nos inspirando neles para pensar a nossa realidade. | FIM |

São Paulo, outubro de 2021.

